

“O GADO SEMPRE VAI AO COCHO”: VÍNCULOS E TENSÕES NA DIALÉTICA SUJEITO-LUGAR EM “LAVOURA ARCAICA”  
*“The cattle always go trough”: attachments and tensions in the subject-place dialectics at “Ancient tillage”*

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior<sup>1</sup>  
 Maria Geralda de Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO**

Configurada como obra outsider ao período em que foi lançada, 1975, “Lavoura Arcaica” de Raduan Nassar discute questões concernentes aos arcaicos conflitos humanos no âmbito do lar. Em confronto ao patriarcado do lar, o *pathos* subversivo de André ocasiona em rupturas no lugar. Pelos vínculos de ancestralidade, paixão, corporeidade e natureza, André evidencia relações que desdobram um cotidiano familiar. O artigo centra-se na interpretação da inseparabilidade de pessoas-ou-pessoa-experienciando-lugar, correlacionando a dialética sujeito-lugar. Entremeado pelo corpo, as forças desejanter dos sujeitos se contrapõem na proposição de outras formas e substancializações de lugar. Destarte, identifica-se que as tensões e vínculos manifestam-se como maneiras de viver e reconstituir o lugar formulado no seio do habitar.

**Palavras-chave:** Irreverência. Lugar. Habitar. Geografia e Literatura.

**ABSTRACT**

Configured as an outsider at the time it debuted, 1975, “Ancient Tillage” by Raduan Nassar discusses questions concerned to the archaic human conflicts at home. In confront to the patriarchy of home, the subversive pathos of André incurs in ruptures at place. By the means of the bonds of ancestorship, passion, corporeality and nature, André evidences relations that unravel a familiar daily life. The essay is centered in the interpretation of the inseparability of people-or-person-experiencing-place, correlating to the subject-place dialectic. Bonded by the body, the lusting forces of the subjects juxtaposes to the proposition of other means and substancializations of place. By this means, it is identified that the tensions and attachments manifest themselves as ways of living and reconstituting the place formulated at the hearth of dwelling.

**Key-words:** Irreverence. Place. Dwelling. Geography and Literature.

1 Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Bacharel e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. carlosroberto2094@gmail.com.

✉ IESA, Instituto de Estudos Socioambientais UFG, Chácara Califórnia, Goiânia, GO. 74045-155.

2 Prof. Dra. do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás. Mestre e Doutora em Geografia pela Université de Bordeaux III. Pós-doutorado em Geografia Humana pela Universidad de Barcelona, em Geografia Cultural pela Université Laval, Università Degli Studi Di Genova e Université de Paris IV Paris-Sorbonne. Graduada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais. mgdealmeida@gmail.com.

### AO ENTRAR PELAS PORTEIRAS

*Outsider* ao período histórico em que foi lançado, 1975, o romance "Lavoura Arcaica" de Raduan Nassar narra o drama trágico de uma família camponesa. Por meio da fuga e retorno de André, filho do meio de família, abarca as dimensões do conflito entre tradição e liberdade, poder e afetividade, fundamentalmente: "eu" e "outro" (RODRIGUES, 2006). Conforme Abati (1999), o drama trágico explora questões que concernem os arcaicos conflitos humanos no âmbito do lar. O enredo não se desdobra em um espaço-tempo específico, a abarcar possibilidades de explorar elementos diversos da geograficidade humana.

As passagens, densas em geopoéticas da terra, evocam espaços telúricos em que as tensões do lar são expostas. Nas vísceras dos personagens-sujeitos que habitam a obra, manifestam-se sentidos de ser-no-mundo que expressam relações de espacialidades intensas. Entre o desafio à ordem patriarcal proposta pela fuga do protagonista e a tragédia que decorre de seu retorno, a trama trata de um itinerário de angústias e reflexões acerca daquilo que há de fundante em ser humano.

Para compreender a obra literária como um mundo a ser explorado (MERLEAU-PONTY, 2012), embarca-se na realidade que é desdobrada na narrativa de fluxo de consciência. Esse processo compreende que toda obra humana possui uma dimensão espacial inerente e inalienável (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010). Intenta navegar pelo mundo-cenário em que habitam os personagens e verificar os vínculos e tensões da dialética sujeito-lugar. O lar, na obra de Nassar (1989), é elencado como uma espécie de constructo-personagem que reverbera as intencionalidades de seus habitantes que dele fazem lugar.

Na perspectiva do protagonista, ainda que se sentisse vinculado, por ancestralidade, afetividade e memória, à Lavoura, sumariza que o poder exercido pelo Pai é um elemento opressor que manifesta na arquitetura do lugar: "Que rostos mais coalhados, nossos rostos adolescentes em volta daquela mesa: o pai à cabeceira, o relógio de parede às suas costas, cada palavra sua ponderada pelo pêndulo" (NASSAR, 1989, p.51). Revela-se que lugar não é o ambiente físico separado dos sujeitos a ele associados, mas o fenômeno indivisível das pessoas experienciando lugar (SEAMON, 2014).

O protagonista reage às tensões que definem a existência na Lavoura ao manifestar suas irreverências na consumação de incesto com a irmã, Ana, e posteriormente ao fugir do lugar. Contudo, não consegue "se livrar" do lugar, pois o carrega como elemento definidor de seu ser e efetiva o retorno profetizado pelo Pai de que "o gado sempre vai ao cocho". André está na lavoura da mesma forma que ela nele, visto que ela é um receptáculo de sentidos e influência nas significações do sujeito.

Arquiteta-se o questionamento acerca das maneiras pelas quais são evocadas inseparabilidade de pessoas-ou-pessoa-experienciando-lugar, correlacionando a dialética sujeito-lugar na "Lavoura Arcaica". Abrange, por meio da perspectiva do protagonista André, elencar os elementos que emergem de sua narrativa pessoal que discernem os vínculos e tensões que constituem os nexos que transcendem o lar e conectam à geograficidades do lavar.

Por meio da Geografia Humanista e pautado na perspectiva da fenomenologia existencialista de Merleau-Ponty (2011, 2012, 2013, 2014), a análise procede metodologicamente pela interpretação geográfica da obra e recorre à construção de esquemas explicativos. Realizou-se um processo de imersão no romance em que a hermenêutica da consciência de André, em contato com as teorias acerca do lugar

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

puderam se impelir dialogicamente rumo a novas compreensões tanto do livro quanto do conceito explorado. O texto se divide em duas partes, "Nos caminhos da lavra: percursos do habitar", em que é interpretado as maneiras como o habitar arquiteta as percepções e sentidos de lugar; e "Angústias do cesto de roupas sujas", no qual é desvelada a dinâmica da relação sujeito-lugar.

### NOS CAMINHOS DA LAVRA: PERCURSOS DO HABITAR

Traço marcante da obra, a família camponesa, de traços árabes, é apresentada na "Lavoura Arcaica" como um núcleo patriarcal que se aglomera nos nexos de trabalho na e da terra. Esse elemento, particularmente telúrico, destaca uma realidade geográfica densa em que a situação do sujeito, como aponta Dardel (2011), supõe a espacialidade onde se move, um conjunto de direções, relações e lógicas que definem o **lugar** de sua existência.

A arquitetura do lugar é centrada na maneira em que as relações são desdobradas pelo constante **lavar** que perpassa seu modo de ser camponês. Viver o lugar perpassa o horizonte de mundo que se define pela maneira de perceber e atuar na terra. A proximidade com a natureza e com a lida é fundamento para os centros de significação das espacialidades de sua realidade geográfica. As metáforas utilizadas circundam a experiência telúrica do lugar. Neste sentido, há uma geograficidade relevante no rememorar de André acerca das festas de família que ocorriam no quintal em que o

pai de mangas arregaçadas arrebanhando os mais jovens, todos eles se dando rijo os braços, cruzando os dedos firmes nos dedos da mão do outro, compondo ao redor das frutas o contorno sólido de um círculo como se fosse o contorno destacado e forte da roda de um carro de boi (NASSAR, 1989, p.26-28).

Mãos firmes e os braços rijos carregam o peso do labor na terra e as sutilizas da forma de se relacionar com o rebanho. A roda viril que dança contorna como o gado que firma no pasto. Arrebanhar os mais jovens é um ato de pastoreio que elenca a maneira pela qual baliza a mediação do sujeito à realidade geográfica estabelecida na lavra. Na condição de ordenamento ético em que se reúne o núcleo familiar, a terra a ser semeada transcende a situação de provedora de meios de vida: é ente que apela para ser transformada pelas mãos laboriosas.

Como o protagonista pondera "sei ouvir os apelos da terra em cada momento, sei apaziguá-los quando possível" (NASSAR, 1989, p.119). Ainda que exija, às vezes duramente, o trabalho dos homens, a realidade geográfica da lavoura opera sentidos que emanam modos de ser-no-mundo. A terra-lavoura, lugar camponês, edifica vivências que se desdobram em um cotidiano que transborda perspectivas de compreensão e experiência dos ciclos da natureza.

Tuan (1995, p.219-220) reverbera esse sentido ao discorrer que "camponeses são raramente vistos trabalhando contra a natureza, alterando-a pela força. Eles pertencem-na e o que eles fazem é uma extensão artística da própria essência da natureza"<sup>3</sup>. As mãos calejadas indicam uma conectividade primal que percorre o corpo e dimensiona-se no lugar como maneira de re-criar nexos de existência. Por meio do evocativo geopoético da espacialidade experienciada, estabelecem a necessidade de apaziguar a terra, de trançar os dedos entre a família e centrar-se no lavar de corpo e alma.

É fundante, por essa lógica, o estabelecimento de nexos que conformem no lar uma situação densa de habitar que, mediada pela tradição, opera limites no lugar. Destarte, é relevante a opressão

<sup>3</sup> Tradução livre de: "Peasant farmers are rarely seen as working against nature, altering it by force. They belong there, and what they do is an artful extension of nature's own essence".

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

paterna que se manifesta em sermão: "estando a casa de pé, cada um de nós estaria também de pé, e que para manter a casa erguida era preciso fortalecer o sentimento do dever, venerando os nossos laços de sangue, não nos afastando da nossa porta" (NASSAR, 1989, p.21). No que rememora André, a força do patriarca estava na necessidade de fincar os pés da família no dever da terra.

Esse componente atávico presente na perspectiva do Pai exterioriza uma moral que pautada na natureza (**o sangue**) elenca a forma de viver o lugar. Esse habitar necessita da definição de limites ao lugar, como ponderaria Tuan (1982). Por meio da habitualidade e *at-homeness*, o patriarca constrói maneiras de vincular os filhos à sociabilidade doméstica. Como aponta Seamon (1979, p.71), "*at-homeness* é uma raiz primordial para força e crescimento pessoal e social. Ela pode ter um grande papel no fomento da comunidade"<sup>4</sup>. Por esse nexos, para que a casa permaneça fixa é necessário que o corpo-família esteja próximo à porta, circundado pelas porteiras domésticas.

Conforme o autor define "a experiência de *at-homeness* – a tida como certa situação de estar confortável e familiar com o mundo em que se vive sua vida cotidiana"<sup>5</sup> (SEAMON, 1979, p.78). É um estado ou ideal de modos de ser e estar no lugar que perpassa pela maneira em que fruem as perspectivas dos sujeitos. Como forma de habitar, a *at-homeness* é uma projeção coletiva ou individual em que modos de existência podem vir a ser no mundo como condições de habitar.

4 Tradução livre de: "At-homeness is a prime root of personal and societal strength and growth. It may have a major role in fostering community". A considerar a especificidade linguística do conceito de *at-homeness* do autor, pondera-se que qualquer tradução seria uma espécie de reducionismo; por isso a opção por manutenção do termo na língua original.

5 Tradução livre de: "The experience of at-homeness – the taken-for-granted situation of being comfortable and familiar with the world in which one lives his or her day-to-day life".

Na condição de elemento que emerge da necessidade de elos, a *at-homeness* proposta pelo projeto de vivência do patriarca cerca, oprime e delimita no **lavar** o fator *sine qua non* para a reprodução do lugar. A vivência no lar se constrói como maneira de fortalecer o dever sob o tripé terra-trabalho-família, lógica primeira do ser camponês. Na unicidade dos três componentes, sua inseparabilidade requer à comunidade – compreendida como (macro) família – como sujeito principal para a existência. O sentimento de união, ainda que fabricado, é o fundamento do mundo da lavoura do patriarca lavrado pelas mãos laboriosas de todos os habitantes submetidos a sua vontade.

Nessa *at-homeness* que delinea o lavar, evidencia-se o intento de tornar tênues as distinções entre sujeito-grupo. Como Tuan (1982, p.18) discorre, "Individualismo e sucesso individual despertam suspeito em comunidades camponesas"<sup>6</sup>. A organicidade do coletivo fundante do corpo-família depende da arquitetura de um modo de leitura da existência em que se divisa a mundanidade do lugar por meio da desconstrução do indivíduo. Enfoca-se no modo de vida a continuidade do ser atávico em que se centraliza o cosmo. Como André rememora do Pai:

ele falou ainda dos anseios isolados de cada um em casa, mas que era preciso refrear os maus impulsos, moderar prudentemente os bons, não perder de vista o equilíbrio, cultivando o autodomínio, precavendo-se contra o egoísmo e as paixões perigosas que o acompanham, procurando encontrar a solução para nossos problemas individuais sem criar problemas mais graves para os que eram de nossa estima, e que para ponderar em cada caso tinha sempre existido o mesmo tronco, a mão leal, a palavra de amor e a sabedoria dos nossos princípios, sem contar que o horizonte da vida não era largo como parecia, não passando de

6 Tradução livre de: "individualism and individual success are suspect in peasant communities".



## "O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

ilusão, no meu caso, a felicidade que eu pudesse ter vislumbrado para além das divisas do pai [...] (NASSAR, 1989, p.22).

No tronco paterno deveria estar sempre a solução para os ardores do âmago dos sujeitos. Como ponderavam as palavras do Pai, os problemas individuais deveriam ser pensados pelo entremeio do horizonte de vida mais largo da coletividade. Destarte, estabelece que na carne de seu mundo há a possibilidade efetiva de realização do existir sempre pautado na "sabedoria" dos princípios. Se o mundo é caminho para o efervescer do lugar, é no seu horizonte que esse nexos propiciará a angústia que marca a narrativa de André.

Por compreender, como Merleau-Ponty, que "a *Gestalt* é uma organização espontânea do campo sensorial que faz depender os pretensos 'elementos' de 'todos', articulados, eles próprios, em todos mais extensos" (MERLEAU-PONTY, 2015, p.21), considera-se que é por essa condição de "forma" que mundos são irrompidos. Na força perspectiva desse "todo" extensível, persiste que se gestam situacionalidades de realidades geográficas postas pela condição do campo sensorial que se ordena. Como parte e forma experiencial, a gênese ou contraposição posta entre os horizontes ressalta cosmos perceptivos.

Pela experiência manifesta na pressão inerente ao refreamento de vontades, sonhos e desejos, André conjura projeto de *Gestalt* que subsume ironicamente ao do Pai. Pelos caminhos das paixões, ainda que ciente da ilusão vivida, sua partida pelas vias da estrada à Vila é um enfrentamento ao reforço da ordem patriarcal. Ao fugir, o protagonista assume a postura de evitar que seu poder perpétuo de gerar mundos seja alienado à força viril do tronco patriarcal.

Contudo, como Cheung (2004, p.257), em perspectiva heideggeriana, destaca "Estar no mundo é habitar em nosso pré-reflexivo e pré-

ontológico entendimento da prontidão-à-mão (*Zuhandenheit*) do envolvimento no mundo"<sup>7</sup>. Pela *zuhandelheit* inerente ao habitar, o corpo-família que se conforma como ente do mundo-lavoura realiza o envolvimento na carnalidade do existir de André efetivamente como continuidade do próprio ser coletivo idealizado pelo Pai. Afinal, é relevante que sua passionalidade é tanto uma recusa como continuidade das opressões do tronco do patriarca. Isso significa que o corpo da família permanece na constituição existencial do protagonista.

Simultaneamente a esse processo de enfraquecimento da distinção sujeito-grupo há a intensificação de outras fronteiras. A **lavoura**, como mundo ideal que parte do pretense ascetismo do patriarca, se opõe à **vila** e a **estrada**, mundos em que não poderia haver felicidade, amor e sabedoria, pois estão relegados ao caos da individualidade. Sedimentados pelo discurso paterno, são apresentados como grandes ilusões que fogem do nexos da ciclicidade do mundo que se faz pelo habitar da lavra.

Decorre que a lógica do Pai soma família-terra-trabalho sob a lógica camponesa e para isso separa os três mundos que marcam a obra (lavoura, vila, estrada). Contudo, o trajeto de André desafia tal nexos porque captura as especificidades e **não se livra do lavrar que permanece em seu corpo**. A chegada de Pedro, desde o momento em que bate à porta do quarto de pensão, carrega consigo brisas mediterrâneas que invadem o esconderijo do pródigo. Ao mesmo tempo, ele reage, embebedando o irmão com o vinho da *vila*, carregado de dimensões da carnalidade desse mundo externo à lavra. É relevante quando André discerne que, na chegada do primogênito,

<sup>7</sup> Tradução livre de: "to be in the world is to dwell in our pre-reflective and pre-ontological understanding of the readiness-to-hand of world involvement".

## "O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

fui logo depois, generoso e com algum escárnio, pôr também entre suas mãos um soberbo copo de vinho; e enquanto uma brisa impertinente estufava as cortinas de renda grossa, que desenhava na meia altura dois anjos galgando nuvens, soprando tranquilos clarins de bochechas infladas, me larguei na beira da cama, os olhos baixos, dois bagaços, e foram seus olhos plenos de luz em cima de mim, não tenho dúvida, que me fizeram envenenado (NASSAR, 1989, p.15).

Pela condição de experiência corporificada que se realiza no mundo, o lugar se conforma na rememoração da ordem da realidade geográfica do lar que é retomada no momento do encontro entre os irmãos. Cada segundo que gera o incômodo em André é uma lembrança da situacionalidade corpo-espacial da lavoura que permanece em seu ser. No quarto de pensão, portanto, é arquitetada uma atmosfera que necessita do torpor do vinho para ser suportada. O encontro com o ente-família choca os fundamentos da partida do protagonista por reverberar as maneiras pelas quais o mundo paterno permanece em si.

Imagens da fazenda vão surgindo no contorno de seu itinerário-narrativo que compõe a cenografia que guiará seu fluxo de consciência. Conforme Brown e Perkins (1992, p.282) apontam, "lugares são experienciados como uma extensão do eu"<sup>8</sup>. Como fenômeno experiencial, André vive a **lavoura**, lugar, como continuidade e parte integral de quem é; a incluir a opressão angustiante e também seu processo de individuação. Ocorre porque habita uma possibilidade de transcendência em que pode ser mais que o corpo, estende-se para a carnalidade do mundo em que ordena.

Na espacialidade que se conforma pelos **clarins que envenenam** desenham-se percursos de intimidades em que o lugar, confidente primeiro, também é fruto de cada fôlego que sente o corpo. Os corpos fundem-se em uma profusão poética que confunde caos e

8 Tradução livre de: "places are experienced as an extension of the self".

ordem, em que ora o espaço do Pai, ora da Mãe (o galho esquerdo da família) se comportam numa mesma imediação. O habitar, portanto, transcende o sítio/local como presença físico-material e é evocado como continuidade do lugar na condição de experiência, situação que motivará a trama narrativa.

Lang (1985, p.202) é provocativo ao apontar que "habitar co-constitui nossa situação primal. Na condição de iniciativa do corpo ativo, habitar é uma intenção e não meramente um fato da natureza; mais que estar em algum lugar, se encontrar em algum lugar, é habitar um lugar"<sup>9</sup>. Pela perspectiva evocada no autor há intencionalidade inerente à postura de habitar que é mediada e tem gênese na corporeidade. O encontro que força o movimento narrativo Partida-Retorno em André conjura na angústia do personagem a necessidade de projetar-se rumo ao ser.

Mediada por dimensões do intersubjetivo, a experiência fenomênica do lugar é tomada pela intencionalidade como maneira de compreender sua profundidade no mundo. Relph (1976, p.2) afirma que "um lugar não é somente o 'onde' de algo; é a localização mais tudo aquilo que ocupa aquela localização visto como um fenômeno significativo e integrado"<sup>10</sup>. Por essa racionalidade é uma experiência incorporada que se efetiva em diversas ordens e necessariamente perpassa pela consciência **de existir em algum lugar**. Quando André soma as características humanas com as do ambiente, evoca sua consciência **de lugar** localizada que percebe e sente. Há tensão e apreço na brisa impertinente em que se desenham anjos galgando.

Habitar, ainda que na perspectiva de Seamon (1979; 1985; 2014) seja

9 Tradução livre de: "inhabiting co-constitutes our primitive situation. Being an initiative of the active body, inhabiting is an intention and not merely a fact of nature; it is not just to be somewhere, to find oneself somewhere, but to inhabit a place".

10 Tradução livre de: "a place is not just the 'where' of something; it is the location plus everything that occupies that location seen as an integrated and meaningful phenomenon".

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

um ideal ético, também deve comportar as contradições dos humanos que nele existem. As ambivalências de um ser como André desvelam condições em que a **angústia** revela as expressividades da carnalidade do mundo e dos homens. **Viver o lugar é sentir a brisa firme, o fluxo do vir-a-ser e fixar-se á teluridade da existência.** É, como coloca Dardel (2011), derivar e agir da/na realidade geográfica que evoca a presença humana.

Na medida em que esse processo sujeito-lugar se arquiteta, o habitar adensa-se com os sentimentos, emoções e projetos de existência das consciências. É significativo a forma como os corredores-meandros da **lavoura** são labirintos por onde fluem as confusões opressivas do lar. André é efervescente ao destacar que "Pedro, tinha corredores confusos a nossa casa, mas era assim que ele queria as coisas, ferir as mãos da família com pedras rústicas, raspar nosso sangue como se raspa uma rocha de calcário, mas alguma vez te ocorreu?" (NASSAR, 1989, p.42).

**Os corredores confusos** são sintomas dos sermões do Pai, marcados pelos **enxertos de várias geografias**, em que a intenção de ordem era alcançada por meio de medo e assertividade. As paredes rochosas padecem das incertezas virulentas do Pai, que transmutam sua angústia pessoal em vontade de controle que, por sua vez, adquiria textura e densidade no lugar. Há um macrocorpo do lar que é continuidade dos sujeitos que nele vivem e que por ele são impelidos. Nessa composição, também é relevante a forma como os outros habitantes compõem formas de movimentar o sentido de lugar, visto que esse é necessariamente um processo de tensão intersubjetiva.

As relações que se realizam no mundo-cosmo dos corredores confusos manifestam-se na condição de experiência intersubjetiva de enraizamentos que adquirem corporeidade em vínculos. De acordo

com Seamon (2014, p.12) "vínculo de lugar faz parte de uma mais ampla sinergia vivida em que várias dimensões humanas e ambientais do lugar reciprocamente impelem e sustentam uma a outra"<sup>11</sup>, elementos que vinculam e situam a existência do sujeito – mediada pelo corpo – no lugar. Na lavoura, os vínculos de lugar trançam elementos fundantes da tensão que é perpetuada pela partida e retorno de André.

Por meio da *gestalt* em que se sobrepõem, cada parede de pedras rústicas é também manifestação do poder do patriarca. O concreto que alicerça a casa é o sangue dos filhos, que vaza pela lavra e pela mesa de sermões. O lugar conforma-se junto ao sujeito que a ele confere textura, emana nas rugosidades a intimidade relacional com o ser que conscientemente transforma-o na condição de maestro dos vínculos de lugar. Fabrica pela ordem a *at-homeness* que angustia André.

Vívidos na realidade geográfica, vínculos de lugar resignificam o espaço e constituem elos que reverberam dimensões psíquicas e sociais. Mihaylov e Perkins (2014, p.71) consideram que "vínculos de lugar são normalmente dados como garantidos. Mas são motivadores poderosos de ações para preservar e melhorar nossas comunidades para nós, nossos vizinhos e gerações futuras"<sup>12</sup>. Ancestralidade, memória, afeto e moral, vínculos principais da lavoura, são simultaneamente motivadores da permanência das tradições do patriarca e provocadores da revolta em André. Nas palavras do sermão do Pai,

debaixo dos cascos, traçadas nos pastos pelos rebanhos: que o gado sempre vai ao cocho, o gado sempre vai ao poço; não de ser esses, no seu fundamento, os modos da família: baldrame bem travados, paredes bem amarradas, um teto bem suportado; a

<sup>11</sup> Tradução livre de: "place attachment is part of a broader lived synergy in which the various human and environmental dimensions of place reciprocally impel and sustain each other".

<sup>12</sup> Tradução livre de: "like spatial awareness in general, place attachments are usually taken for granted. Yet they are powerful motivators for action to preserve and improve our communities for ourselves, our neighbors, and future generations".

## "O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

paciência é a virtude das virtudes, não é sábio quem se desespera, é insensato quem não se submete (NASSAR, 1989, p.60).

Na cenografia metafórica que compõe a fala, ele aponta os vínculos como maneira de viver e de permanecer no nexo arcaico do lugar. O gado sempre vai ao poço porque é nele que está a razão de **ser** e **estar** na terra. Nos fundamentos dessa composição de ser-no-mundo está uma *at-homeness* que parte da carne do mundo e corporifica-se como continuidade da família. A opressão dessa temporalidade de pretensa paciência, dos baldrames travados é parte do que gesta a irreverência de André.

É idealizado no gado a maneira pela qual a família deve se comportar para que seja possível a reprodução das lógicas da *at-homeness* do patriarca. Como rebanho do pastor, restam aos filhos o caminho de expansão ou continuidade do tronco. Pelos modos da família, voltar ao poço é se cercar pelas divisas do Pai, que começam e se encerram nas porteiras. A recusa de André não é uma desconstrução do vínculo, mas uma ressignificação relevante em que aquilo que deveria ser fonte de ordem se torna semente fértil de sua virulência.

Logo, existem profundas tensões nos vínculos de lugar inerentes ao habitar, pois, como pondera Risbeth (2014, p.108), o "vínculo de lugar se desenvolve como uma corporificação de escolhas de participação e movimentos individuais, entrelaçando um sentido pessoal de identidade com o de pertencimento e vínculo a um bairro ou cidade específicos"<sup>13</sup>. Essa escala manifesta de intersubjetividades se tensionam. Os processos de vincular-se projetam os sujeitos e lugares rumo ao devir que reformula suas condições de ser-no-mundo.

<sup>13</sup> Tradução livre de: "place attachment develops as an embodiment of choices of participation and individual movements, interweaving a personal sense of identity with that of belonging and attachment to a specific neighborhood or city".

Outrossim, as tensões que são estabelecidas podem ser entendidas em situação, na sua composição de elementos que articulam-se rumo à experiência e existência. A corporeidade inexorável da consciência intencional atraca as lógicas relacionais que compõem as *at-homeness* que irão definir os percursos dinâmicos do lugar. Nesse sentido, é **no** embate de sentidos de vínculos que sujeito-lugar se transcendem na dinamogenia de experiência e horizonte de mundo.

### ANGÚSTIAS DO CESTO DE ROUPAS SUJAS

Na lavoura, André se encontra adstrito por ser vinculado a uma realidade geográfica em que o intersubjetivo se manifesta primordialmente na vontade de ordem patriarcal, a instalar tensões que o angustiam. Como relata ao Pai ao retornar: "eu poderia ser claro e dizer ainda que nunca, nem antes e nem depois de ter partido, eu pensei que pudesse encontrar fora o que não me davam aqui dentro" (NASSAR, 1989, p.158). Ainda que soubesse que não se bastava entre os domínios das porteiras da lavra, seu corpo ansiava por uma resolução das espacialidades de tensão gestacionadas por sua permanência no lar.

Se, como ressalta Seamon (1979, p.76), "vínculo com lugar relaciona-se não somente com emoções positivas; ele também se associa com uma constelação de emoções negativas, incluindo angústia e mágoa"<sup>14</sup>, são justamente os vínculos de lugar que impelem sua partida. Pela vinculação dos enraizamentos no lar, o protagonista é cercado por frustrações que são resultantes do pretense amor do Pai,

<sup>14</sup> Tradução livre de: "attachment to place relates not only to positive emotions; it is also associated with a constellation of negative emotions, including anxiety and annoyance".



"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

que impregna cada parede do lar. Nesse sentido, o corpo-família e a corporeidade de André contradizem-se em bailar intenso.

Souza (2012, p.53) pondera que "a suposta atmosfera harmônica dessa família encobria desejos, vontades, dores e solidão. O discurso do pai não alcançava a família". Cada silêncio evoca uma internalização corporal das imposições manifestas no lugar. André tem o lugar como cicatriz-fissura que espacializa em seu modo de ser e lidar com a ordem paterna, onde sente proximidades relevantes com sua angústia. É relevante o desabafo enfurecido do príncipe a Pedro, em que berra,

cansado de tanta lamúria, de tanto pranto e ranger de dentes, e ostentando os pêlos do peito e os pêlos dos braços, vá depois disso direto ao roupeiro, corra ligeiro suas portas e procure os velhos lençóis de linho ali guardados com tanta aplicação, e fique atento, fique atento, você verá então que esses lençóis, até eles, como tudo em nossa casa, até esses panos tão bem lavados, alvos e dobrados, tudo, Pedro, tudo em nossa casa é morbidamente impregnado da palavra do pai; era ele, Pedro, era o pai que dizia sempre é preciso começar pela verdade e terminar do mesmo modo, era ele sempre dizendo coisas assim, eram pesados aqueles sermões de família, mas era assim que ele os começava sempre, era essa a sua palavra angular (NASSAR, 1989, p.41).

O lugar incorpora os sujeitos da mesma maneira como se impregna do Pai que atua como força ordenante. A palavra angular do patriarca consome os desígnios dos lençóis, dos panos de linho alvos e lavados. Cada gaveta do roupeiro esconde vontades de ordem do *topos* erguido sob os ossos do Avô, encarnação do antigo patriarcado. A figura do Pai se mistura aos objetos e à geograficidade do lugar, de modo em que se instala uma relação fundamental de reversibilidade. A relação dele com as coisas em que habita retrata uma concepção de junção entre sua percepção e os objetos percebidos.

O corpo-família, portanto, é uma continuidade da lavoura e do corpo do Pai, dos ângulos formados pelas palavras que se iniciavam no princípio *ad eternum* de verdade herdado do Avô. Suas sementes instalam-se em cada parede do guarda-roupa e formam essa impregnação mórbida que é experienciada por todos no lar. Os sermões corporificam-se como extensão da vontade paterna que se espalha e cria raízes que fundamentam seu projeto efetivo de um microcosmo ao lugar.

De acordo com Merleau-Ponty (2014, p.121) "o mundo e eu somos um no outro, e do *percipere* ao *percipi* não há anterioridade, mas simultaneidade ou mesmo atraso", visto que o corpo que **sente** atua de modo a progressivamente se incorporar no mundo por meio dos lugares. Da mesma forma, como situado em realidade geográfica, o lugar também se projeta rumo a ele, em uma espiral complexa que denota *poiésis* interconectada a *ergon*.

Nessa perspectiva, é singular o ponderamento de Relph (1976, p.55) de que "alguém que experiencia um lugar pela atitude de internalidade existencial é parte daquele lugar como o lugar é parte dele"<sup>15</sup>. É por viver o lugar em sua intensidade existencial que André consegue **sentir** cada sedimento do Pai, tudo que se impregna da palavra dele. Os pesados sermões da família, como pondera o filho príncipe, se faziam ecoar nas tábuas da casa. A vontade do patriarca, destarte, introjetava **ordem** e **angústia** relevantes à dinâmica sujeito-lugar.

**Guardados com tanta aplicação**, os lençóis desdobram os sentidos da força fálica que denota os contornos do *Topos* imposto. A casa reforça os vínculos que conformam vontades que transbordam na subjetividade densa do Pai, que é a continuidade vertical do tronco do Avô. Sua temporalidade dita o tempo do lar, mas ao mesmo tempo está

<sup>15</sup> Tradução livre de: "someone who does experience a place from the attitude of existential insideness is part of that place and it is part of him".

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

impregnado pelo tempo da própria natureza do horizonte que o cerca, **tudo precisa começar e terminar do mesmo modo**. É o mesmo ciclo das estações, lufadas, chuvas e vida na **lavoura** que emerge no modo de ser do Pai. Em tal caso, é fundamental a consideração de Merleau-Ponty (2014, p.18) de que em uma fenomenologia existencialista,

o que nos importa é precisamente saber o sentido de ser do mundo; a esse propósito nada devemos pressupor, nem a idéia ingênua do ser em si, nem a idéia correlata de um ser de representação, de um ser para a consciência, de um ser para o homem: todas essas são noções que devemos repensar a respeito de nossa experiência do mundo, ao mesmo tempo que pensamos o ser do mundo.

É por ser-no-mundo e ser do mundo que é impossível não ser afetado pelas espacialidades primais do cotidiano. O sujeito, seja o patriarca ou André, mais que representar ou ter consciência, é ativo em sua *poéisis*. Nessa relação que emerge da profundidade reativa à Terra, a percepção constrói direção e sentido corporais para o lugar, tornando ele tanto potencial abrasivo quanto forma de reunir objetos perceptivos da experiência de mundo.

Por meio do *quale visual* da *gestalt* (MERLEAU-PONTY, 2011; 2012; 2013) faz-se a presença daquilo que o ser não é, mas daquilo que plenamente existe. Portanto, é necessária a compreensão de que o lugar é fenômeno referente à indivisibilidade do sujeito que faz dele lugar. Nesta perspectiva, o sentimento fundante de André de que as palavras angulares do Pai enfurnavam-no, que envenenavam cada lençol da casa, toma sentido na medida em que a lavoura desdobra dimensões intersubjetivas que encarnam os sujeitos que nela vivem.

A visibilidade inerente à *gestalt* totaliza os sentidos e reúne, em um só lance, sujeito e lugar como fenômeno ativo da experiência humana. É salutar a consideração de Seamon (2014, p.11) de que

"fenomenologicamente, lugar não é o ambiente físico separado das pessoas associadas a ele, mas, em verdade, o indivisível, normalmente não percebido fenômeno de pessoa-ou-pessoas-experienciando-lugar"<sup>16</sup>. A mesa dos sermões que corporifica o tronco familiar é significante dessa lógica. Assim como o fato de que com a fuga de André não são as pessoas, mas o próprio lugar que agoniza. É relevante que Pai conclama no retorno do filho pródigo: "Abençoado o dia da tua volta! Nossa casa agonizava, meu filho, mas agora já se enche de novo de alegria!" (NASSAR, 1989, p.149).

Na condição de componente intersubjetivo, a casa também **sente** a ausência do filho pródigo porque ele era parte de sua definição e sentido. Como Corrêa da Silva escreve, "o ser produz o lugar e é produzido por ele" (SILVA, 1986, p.98), em uma profusão de sentidos na qual ambos se confundem. Na condição de tronco que perpassa a existência de suas campesinidades, o lugar evoca as percepções, mas também é o ponto inicial por onde estão seus referenciais.

A reversibilidade inerente ao modo como se entrelaçam o ser e o lugar na lavoura perpassa os sentidos. É evidente, como discorre Morris (2004, p.22-23), que a "percepção é inerentemente situacional e ativa, quem percebe e aquilo que é percebido se cruzam e infiltram um ao outro, e esse cruzamento já constitui um campo de percepção em que o percebido já tem um sentido para aquele que o percebe"<sup>17</sup>. Há nas camadas de sedimentos que dançam no lugar, fragmentos daqueles que o habitam e habitaram, somam-se diferentes temporalidades dos sujeitos que nele projetaram suas intencionalidades.

<sup>16</sup>Tradução livre de: "phenomenologically, place is not the physical environment separate from people associated with it but, rather, the indivisible, normally unnoticed phenomenon of person-or-people-experiencing-place".

<sup>17</sup>Tradução livre de: "perception is inherently situational and active, perceiver and perceived cross and infiltrate each other, and this crossing already constitutes a field of perception in which the perceived already has a meaning for the perceiver".

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

Os componentes atávicos do existir do Pai, de André, Pedro ou mesmo da Mãe se misturam em cada tecido que se fixa nas gavetas. No lugar que foi produzido e que mantém os nexos do Avô, todos situam-se na condição de serem afetados por seu entorno, ao mesmo tempo em que o mutacionam por meio da experiência o fenômeno do lugar. Pela percepção, que conseqüentemente já estiliza, alteram-se modos de ser e sentir, tal qual a próxima maneira de vir a ser do Avô.

O ossuário do antigo patriarca, semeador das raízes do tronco, é exteriorizado na condição de figura ambígua, de uma paciência com ares oníricos. Diferentemente de Iohána, exerce seu projeto de existência por meio da eternização efetivada nos seus componentes que permanecem no lugar. Não são necessários sermões para exercer sua vontade. É neste caminho que André desabafa que:

era esse velho asceta, esse lavrador fenado de longa estirpe que na modorra das tardes antigas guardava seu sono desidratado nas canastras e nas gavetas tão bem forradas das nossas cômodas, ele que não se permitia mais que o mistério suave e lírico, nas noites mais quentes, mais úmidas, de trazer, preso à lapela, um jasmim rememorado e onírico, era ele a direção dos nossos passos em conjunto, sempre ele, Pedro, sempre ele naquele silêncio de cristaleiras, naquela perdição de corredores, nos fazendo esconder os medos de meninos detrás das portas, ele não nos permitindo, senão em haustos contidos, sorver o perfume mortuário das nossas dores que exalava das suas solenes andanças (NASSAR, 1989, p.44-45).

O silêncio de cristaleiras que descreve o protagonista ecoa pelos corredores confusos da casa. Sua presença, mesmo quando ausente de vida, permanece como componente da coerção de medos que não conseguem ser travados pelas portas que fecham. Continuava na casa de Iohána (o Pai), como parte do lugar, incorporado em cada tecido que forra as cômodas e camas. Encarna espécie de ideal

lavrador fenado, rijo e viril, que força cada medo a se esconder pelos tapetes e corredores. O **eu** de todos que habitam a lavoura é clivado pelos mistérios desse *memento mori* que transcende a concretude das relações e ascende rumo ao próprio existir do lugar.

Da mesma forma que "não existe **lugar sem 'eu'**; e não há **'eu' sem lugar**"<sup>18</sup> (CASEY, 2001, p.406, destaques no original), não há como pensar a lavoura sem a dimensão subjetiva da percepção de André que vislumbra as perdições de corredores em que o fantasma do Avô permanece. Cada noite soturna desdobra a força do mistério existencial decorrente do antigo patriarca. Sua figura e a perspectiva do lugar de André somam-se em densa poética de direção que expressa o sentido do lugar onde seu ossuário é imortalizado.

Nessa espacialidade que se fixa na perdição dos corredores, os sujeitos se corporificam nas paredes tesas da casa. Na condição que "sentido de lugar envolve uma orientação pessoal em direção ao lugar, em que o entendimento de alguém acerca do lugar e o sentimento dessa pessoa acerca do lugar se fundem no contexto do sentido ambiental"<sup>19</sup> (HUMMON, 1992, p.262), a direção e o sentido que expressam relação sujeito-lugar é sempre intensa. Porquanto isso ocorre, é possível identificar que no impelir o ser-no-mundo, a realidade geográfica constitui horizonte em que têm gênese a dialética sujeito lugar.

Mais que relação entre contraditórios, para Merleau-Ponty (2011, p.232) a dialética "é a tensão de uma existência em direção a uma outra existência que a nega e sem a qual, todavia, ela não se sustenta". Transcendente ao reducionismo tético, cabe a ela por em foco o devir inerente a maneira pela qual as coisas se manifestam no cerne da experiência em que emerge a inseparabilidade do fenômeno.

<sup>18</sup>Tradução livre de: "there is no **place without self**; and no **self without place**".

<sup>19</sup>Tradução livre de: "sense of place involves a personal orientation toward place, in which one's understandings of place and one's feelings about place become fused in the context of environmental meaning".

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

Efetivamente, é uma espécie de coesão entre os opostos que é capaz de evocar a relação fundamental com o ser (MERLEAU-PONTY, 2014).

No contexto do que se vislumbra, implica em ascender rumo à possibilidade interpretativa do sujeito-lugar para a reversibilidade que se manifesta no mundo. Tal situação forma uma relação ampla em que a inércia do conteúdo impede de fazer-se a má-dialética. Como propõe o fenomenólogo, é ao abdicar a ideia de superação, do negativismo (MERLEAU-PONTY, 2014), que se pode projetar rumo a uma efetiva compreensão de que há uma sem-restrição capacidade de relações inerentes à dialética que se pondera.

Sujeito e lugar, desse modo, recompõem-se continuamente em uma hiperdialética que se realiza na medida em que não há um 'positivo' ou 'negativo' que são superados por uma suposta síntese. Em verdade, se propõem em devir. Nessa proposta, é relevante ressaltar que

uma das tarefas da dialética, como pensamento de situação, pensamento em contato com o ser, é sacudir as falsas evidências, denunciar as significações cortadas da experiência do ser, esvaziadas, e criticar-se a si mesma na medida em que se venha a tornar uma delas (MERLEAU-PONTY, 2014, p.93).

Ou seja, mais que um estado de contradições, é uma forma de capturar no ser as situações de existência. Entre sujeito-lugar, como exposto na figura 1, há uma tensão inerente que se transcende no movimento dialético inexorável de sua reversibilidade contínua.

Mediados pelo mundo, que por sua vez é vivido pela corporeidade, os sujeitos estão situados em uma relação dialética sujeito-lugar. Sentimentos, nexos, compreensões se aprofundam na realidade geográfica em que se define a maneira por onde emerge a potência relacional do próprio fenômeno indivisível de lugar. Da mesma forma em que os sujeitos lavram a definição do seu lugar, o lugar costura os

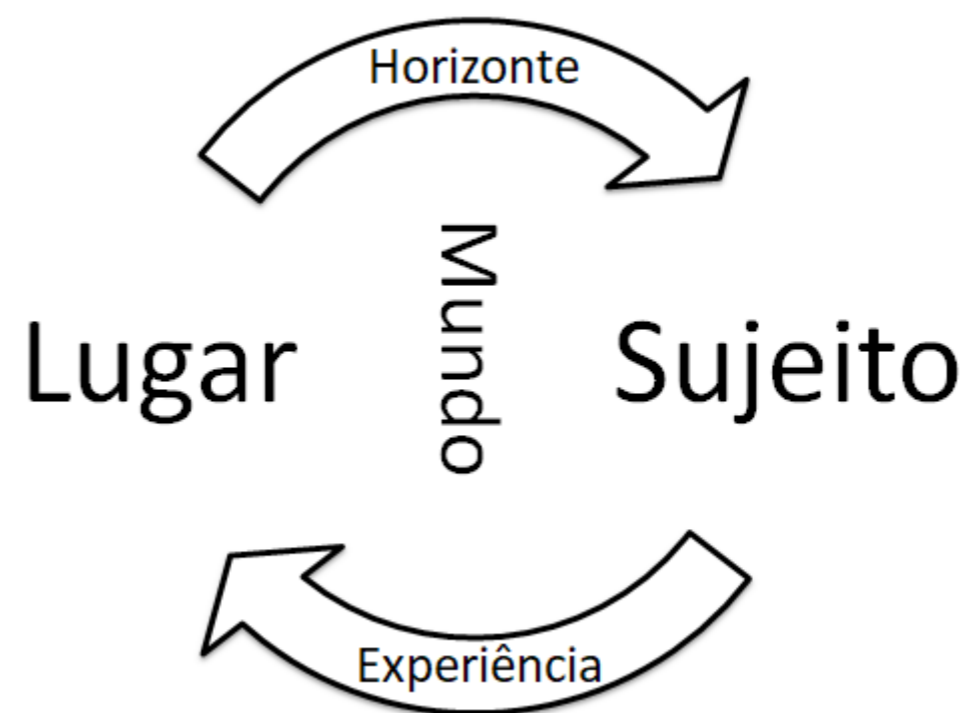


Figura 1: Dinâmica da dialética sujeito-lugar.

Fonte: SOUZA JR, C. R. B., 2017.

sujeitos rumo a seus sentidos, à identificação de quem são: do seu eu. Seu encontro no núcleo amalgamante do mundo é o motor que propõe a exteriorização de sentidos.

Em conformação com a proposta merleau-pontiana de que "o pensamento dialético é o que admite ações recíprocas ou interações" (MERLEAU-PONTY, 2014, p.91), é pelo horizonte e experiência de/no mundo que sujeito e lugar se encontram. Nas interações inexoráveis dessa reciprocidade, a dinâmica fenomênica se compõe rumo à existência e as condições de emergência do ser. É processo ativo recorrente da situação do ser-no-mundo que necessariamente se encontra em cosmo espacial, buscando nele sentido, direção e significado.



"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

Ao mesmo tempo, forma um sistema delicado de retroalimentação variável, em que as condições podem ora priorizar que o sujeito determine nexos do lugar, ora que o lugar indique as direções expressivas do sentir do sujeito. São os elementos que mediam a realidade geográfica do mundo que ditam a ordem dessa ordem relacional definidora da fenomenologia do lugar. Isso emerge porquanto, como destaca Merleau-Ponty, as relações dialéticas:

são esclarecedoras quando a consideramos na nossa experiência, na junção de um sujeito, do ser e dos outros sujeitos: entre esses contrários, nessa ação recíproca, nessa relação entre um dentro e um fora, entre os elementos dessa constelação, nesse tornar-se que não se torna somente, mas que se torna para si, há lugar, sem contradição e sem magia, para relacionamentos em dois sentidos, para reviravoltas, para verdades contrárias e inseparáveis, para superações, para uma **gênese perpétua**, para uma pluralidade de planos ou de ordens (MERLEAU-PONTY, 2006, p.267, destaques acrescentados).

Cada energia inserida nessa dialética por meio do imaginário, da intencionalidade ou da angústia, se desdobra **no sujeito e no lugar**. Promove **de vir** de modo a plasmar a dinamogenia da totalidade das relações cotidianas e expressar a densidade situacional do habitar humano. É **nesse** instante em que as tensões promovem certo equilíbrio entre os componentes experienciais em que transbordam o sentido de lugar como ordem primordial do existir. Há, portanto, uma reversibilidade complexa que atua no sentido de instaurar corpo-espacialmente cosmos dinamizem a existência.

André se relaciona com o lugar-lavoura pela mediação do **mundo** do *topos* paterno. Contudo sua relação transcende a via única de receber do lugar às imposições de Iohána. Ele, na condição de sujeito ativo, por meio de seus atos irreverentes, também transforma e redefine os elos que se manifestam no lugar. Realiza-se então um caminho sujeito-

experiência-lugar que em sua reversibilidade afeta a maneira pela qual ambos se apresentam ao mundo em sua corporeidade.

É impossível, destarte, discernir completamente onde se inicia lugar ou sujeito como se fossem entidades separadas. Como pondera Casey (2001, p.414), "nem corpo ou lugar são uma entidade totalmente determinada; cada um continuamente evolui, e precisamente em relação ao outro"<sup>20</sup>. Nesta mesma dialética, o filho pródigo propicia a pluralidade de ordenamentos possíveis na *at-homeness* do horizonte da lavoura. Ou seja, a reversibilidade atua de forma a promover mudanças que vão na direção sujeito-lugar e lugar-sujeito; ambas mediadas pelos mundos em que se manifestam.

Brown e Perkins (1992, p.285) consideram que "o lar tende a funcionar como uma extensão de seus habitantes – a refletir mudanças na estabilidade, revelando identidade pessoais e comunais"<sup>21</sup>. Da mesma maneira, a relação entre os sujeitos e o lugar também se refere a seus vínculos que conectam às situações geográficas que determinam a dinamicidade de seu existir. Os elos intersubjetivos são evocados em qualquer alteração da dinâmica da dialética sujeito-lugar. Como demonstra a fala de Pedro à André: "naquele dia, na hora do almoço, cada um de nós sentiu mais que o outro, na mesa, o peso da tua cadeira vazia; mas ficamos quietos e de olhos baixos, a mãe fazendo os nossos pratos, nenhum de nós ousando perguntar pelo teu paradeiro" (NASSAR, 1989, p.23).

A partida de André adquire contornos relevantes de uma revolta **no** lugar, pois sua saída deixa uma cadeira vazia que relembra aos que permanecem acerca da fragilidade do nexo familiar. Cada suspiro silencioso manifesto no lugar ressoa pelos corredores confusos da

<sup>20</sup>Tradução livre de: "neither body nor place is a wholly determinate entity; each continually evolves, and precisely in relation to the other".

<sup>21</sup>Tradução livre de: "the home often works as an extension of its dwellers – reflecting changes within stability, revealing communal and personal identities".

## "O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

ordem do Avô-Pai que opera as opressões angustiantes. A lavoura situa um horizonte em que o sujeito tem dificuldades para emergir. Contudo, a saída do filho pródigo comprova que existem outras experiências possíveis, que a individualização pode ser alcançada pelos meios expostos pelo lugar. É isso que torna relevante o percurso da revolta do protagonista.

Toda supressão de individualidades no lugar vivido intersubjetivamente necessariamente se encaminha de ordem ao caos. Decorre que a angústia acumulada gera tensão porque, como pontua Morris (2004, p.4), a "vida é uma faísca de desejo que atravessa corpo e mundo exatamente no momento em que constitui uma diferença vívida entre eles"<sup>22</sup>. O ser deseja, sente e quer manifestar sua própria vontade de existência onde está. O lugar, como núcleo primeiro da existência espacial, é a escala desta expressão do corpo-sujeito. É relevante o discernimento de André que desvela os gritos silenciados de cada um na **lavoura**:

bastava afundar as mãos pra conhecer a ambivalência do uso, os lenços dos homens antes estendidos como salvos pra resguardar a pureza dos lençóis, bastava afundar as mãos pra colher o sono amarrotado das camisolas e dos pijamas e descobrir nas suas dobras, ali perdido, a energia encaracolada e reprimida do mais meigo cabelo do púbis, e nem era preciso revolver muito para encontrar as manchas periódicas de noqueira no fundilho dos panos leves das mulheres ou escutar o soluço mudo que subia do escroto engomando o algodão branco e macio das cuecas, era preciso conhecer o corpo da família inteira, ter nas mãos as toalhas higiênicas cobertas de um pó vermelho como se fossem as toalhas de um assassino, conhecer os humores todos da família mofando com cheiro avinagrado e podre de varizes nas paredes frias de um cesto de roupa suja; ninguém afundou mais as mãos ali, Pedro, ninguém sentiu mais as manchas de solidão,

<sup>22</sup> Tradução livre de: "life is a spark of desire that crosses body and world in the very moment that it constitutes a living difference between them".

muitas delas abortadas com a graxa da imaginação, era preciso surpreender nosso ossuário quando a casa ressonava, deixar a cama, incursionar através dos corredores, ouvir em todas as portas as pulsações, os gemidos e a volúpia mole dos nossos projetos de homicídio, ninguém ouviu melhor cada um em casa (NASSAR, 1989, p.43-44).

No onirismo evocativo das suas palavras que semeiam discórdia em Pedro, André faz sùmula do cheiro mofado da repressividade promovida pela ordem camponesa do lugar. Na mesa dos sermões, não há espaço para outra voz que não a do Pai e, por isso, é necessário afundar suas mãos no cesto das roupas sujas para conhecer o cheiro que individualiza os segredos de cada um na casa. O ato de André recorre ao lugar para ver a estética nefasta dos âmbitos da dialética sujeito-lugar que se propelem na lavoura.

As roupas sujas desvelam o erotismo e a sexualidade do lugar, em que **a energia encaracolada e reprimida dos cabelos do púbis** contrapõem os comedimentos impostos pela situação geográfica. Há textura no lugar porque "o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles" (MERLEAU-PONTY, 2011, p.122). É obscena a geograficidade dos traçados de lohána, que reprime os humores avinagrados e esfria cada parede dos cestos de roupas sujas.

Na sua incursão pela intimidade de cada um em sua casa, as **graxas de imaginação abortadas**, resultantes de poluções ou masturbações noturnas desvelam uma vontade de emergir da realidade geográfica em que estão imersos. O horizonte de mundo que propicia seus repousos é angustiante por promover **abortos frios de portas pulsantes**. Cada sentimento reprimido é um projeto de homicídio que não é abarcado pela estética nefasta do patriarca.

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

Se ninguém ouviu melhor cada um em casa ocorre que as manchas de solidão absorvidas pelo sentir de André emanam os nexos de desejos subsumidos. Nesse corpo de sexualidade intensa, as mãos do protagonista que se afunda no cesto ressaltam a angústia do habitar. Na reciprocidade sujeito-experiência-lugar compõe a cenografia de tragédia anunciada que estava estabelecida na *hýbris* do patriarca.

O corpo da família que se apresenta sem precisar revolver muito mofa nas graxas dos corredores do lar. As angústias partilhadas em cada peça de roupa retratam um caminho que vai no sentido lugar-horizonte-sujeito em que o peso da realidade geográfica se corporifica entre os dedos invasivos de André. Intensificam-se os incômodos que se projetam nos rumos da geopoética de suas existências no sentido em que intimidades, desejos e vontades são violadas em sua dimensão de carne do mundo.

Nessa fusão corporificada, em cada dobra dos pijamas e camisolas confessa a permanência dos sujeitados à ordem do Pai. Ao desvelar que entre a dialética sujeito-lugar há algo de cada um que se transcende na cristalização da lavoura, o protagonista expressa as vísceras dos sujeitos que emergem nas fissuras das imposições. Pelo corpo, a solidão de cada um se encontra e dinamiza o centro relacional que formula a espacialidade.

O lugar está em cada graxa ou mancha de pó vermelho nas toalhas higiênicas das irmãs e mãe, no soluço mudo do escroto dos irmãos e em seus humores mofados. A noqueira de falsas inocências que está manifesta no âmbito das porteiras do patriarca implica no ossuário em que a casa ressona. Eles estão sujeitos, mas também constituem o lugar por aquilo que são. Surpreendem as virtualidades contextuais apresentadas pela possibilidade de ser sujeito **do** lugar ainda que dispostos à condição de serem sujeitos **para** o lugar.

### FECHANDO AS PORTEIRAS...

Habitar, como processo complexo que arquiteta a constituição do lugar, implica na intensificação da dialética sujeito-lugar e resulta nos gemidos que se espalham pelos corredores da casa. André ouve a sobrepujança da força desejante de cada um como forma de tomar certa medida de controle sob o processo de existir no e do lugar, de também ter condições de surpreender a ordem precedente.

André coleta no cesto os sonos amarrotados de cada um de seus irmãos. Ele captura o onírico que compõe a única forma de escapismo ao lugar e extrapola as barreiras impostas pelo Pai para dar nome a sua revolta. Nessa íntima dialética, a proposição do príncipe se faz de modo a superar a retroalimentação negativa do sujeito pelo lugar, visando inverter essa ordem. Os vínculos de lugar projetam-se como maneiras de compreensão que abarcam esse microcosmo existencial reativo da narrativa pessoal do personagem.

Contudo, se os fluxos de seu habitar necessariamente realizam-se pelo próprio princípio cíclico do lugar que também move a dinâmica da dialética promovida pelo patriarca, a situação permanece nas obscuridades de uma ética falha. Já o problema inerente ao lugar do Pai é que ele supõe certa medida de inércia. Ainda que se pautem na ciclicidade da natureza, é míope às intransigências que essa acomete nas pequenas e constantes derivações que ocorrem no seu dançar.

Ainda que os sujeitos projetem, planejem e intentem efetivar um domínio consciente da dialética sujeito-lugar, sua condição de geograficidade em devir impede que as espacialidades sejam controladas como coisa. Há rugosidades manifestas na condição fenomênica da transcendência do espaço em relação ao ser que propositam em intangibilidades que superam a compreensão humana.

"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

Nesse contexto, ambas as formas de vislumbre dos corredores domésticos da lavoura são, por si só, *at-homeness* opostas, mas que passam por uma mesma condição inerente.

As confissões das paredes e cestos de roupas sujas propõem ossuários severos dos processos de individuação que ocorrem no grupo. Ainda que silenciados, a intimidade poética dos lugares de cada um **vaza** pelos poros de seus corpos e constituem outras geografias que se contrapõem aos enxertos do Pai. Suas varizes, seus pós vermelhos, as manchas de noqueira ou as graxas da imaginação podem ou não ser conscientes, mas desdobram de espacialidades corporificadas que remontam ao âmago do corpo-sujeito de cada um que habita o lugar.

Nessa racionalidade, problematizar acerca da inseparabilidade da relação entre sujeito e lugar por meio da dialética, em seu sentido merleau-pontiano, é um caminho para recontextualizar situações do microcosmo do cotidiano. No encontro da corporeidade inerente da experiência e do horizonte de mundo há um caminho particularmente rico em significações para serem exploradas em sua realidade geográfica. Como perspectiva conceitual de compreensão da realidade, pode expor outras formas de reposicionar a discussão da reversibilidade entre os seres humanos e a espacialidade de sua existência.

Se o lugar e o sujeito se reúnem na carne do mundo por meio da experiência, a intencionalidade que os propõe em devir é reflexo das condições de ser-no-mundo, de se posicionar enquanto ente geográfico. Ao pensar por meio dos vínculos e sentidos que se estabelecem na vivência, é possível emergirem discussões que visem o espectro efetivo daquilo que é **ser** humano, em toda sua injustiça, esperança, amor, ódio e/ou ambivalência que são irrompidas **no e do** lugar. ☉

## REFERÊNCIAS

ABATI, H. M. F. **Da Lavoura Arcaica**: fortuna crítica, análise e interpretação da obra de Raduan Nassar. 1999, 188f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1999.

BROWN, B. B.; PERKINS, D. D. Disruptions in place attachment. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (Orgs.) **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992, p.279-304.

CASEY, E. S. Body, Self and Landscape: A geophilosophical inquiry into the Place-World. In: ADAMS, P. C.; HOELSCHER, S.; TILL, K. E. (Orgs.) **Textures of place**: exploring humanist geographies. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2001, p.403-425.

CHEUNG, C. Separation and connection: phenomenology of Door and Window. In: CARR, D.; CHAN-FAI, C. (Orgs.) **Contributions to phenomenology**: Space, Time and Culture. Amsterdam: Springer science+business, 2004, p.253-262.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HUMMON, D. M. Community Attachment: local sentiment and the sense of place. In: ALTMAN, I.; LOW, S. M. (Orgs.) **Place Attachment**. New York: Plenum Press, 1992, p.253-278.

LANG, R. The dwelling door: towards a phenomenology of transition. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Orgs.) **Dwelling, place and environment**: towards a phenomenology of person and world. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p.201-214.

MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. Geograficidade, poética e imaginação. In: MARANDOLA JR, E.; GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010, p.7-15.



"O gado sempre vai ao cocho": vínculos e tensões na dialética sujeito-lugar em "Lavoura arcaica"

Carlos Roberto Bernardes de Souza Júnior e Maria Geralda de Almeida

MERLEAU-PONTY, M. **As aventuras da dialética**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **A prosa do mundo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MERLEAU-PONTY, M. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MIHAYLOV, N.; PERKINS, D. D. Community place attachment and its role in social capital development. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Orgs.). **Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. Abingdon: Routledge, 2014, p. 61-74.

MORRIS, D. **The sense of space**. Albany: State University of New York Press, 2004.

NASSAR, R. **Lavoura arcaica**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RELPH, E. **Place and placelessness**. London: Pion Limited, 1976.

RISBETH, C. Articulating transnational attachments through on-site narratives. In: MANZO, L. C. (Org.); DEVINE-WRIGHT, P. (Org.)

**Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. Abingdon: Routledge, 2014, p. 100-111.

RODRIGUES, A. L. **Ritos da paixão em Lavoura Arcaica**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SEAMON, D. **A Geography of the lifeworld: movement, rest and encounter**. London: Croom Helm, 1979.

SEAMON, D. Reconciling old and new worlds: the dwelling-journey relationship as portrayed in Vilhelm Moberg's 'Emigrant' novels. In: SEAMON, D.; MUGERAUER, R. (Orgs.). **Dwelling, place and environment: towards a phenomenology of person and world**. Dordrecht: Martinus Nijhoff Publishers, 1985, p.227-246.

SEAMON, D. Place attachment and phenomenology: The synergistic dynamism of place. In: MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Orgs.). **Place Attachment: advances in theory, methods and applications**. Abingdon: Routledge, 2014, p. 11-22.

SILVA, A. C. **De quem é o pedaço?** São Paulo: Hucitec, 1986.

SOUZA, J. R. **Discurso e subjetividade em Lavoura Arcaica**. 2012, 108f., Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Montes Claros. Montes Claros, 2012.

TUAN, Y. **Segmented Worlds and Self: Group life and individual consciousness**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

TUAN, Y. **Passing strange and wonderful: aesthetics, nature and culture**. New York: Kodansha Globe, 1995.

Submetido em Dezembro de 2017.

Revisado em Fevereiro de 2018.

Aceito em Fevereiro de 2018.